

DESAFIOS ACERCA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

Alice Maria Florencio Felix da Silva ¹
Camila Vitória Silva de Santana ²

RESUMO

O presente artigo aborda a temática dos desafios acerca do ensino da educação de jovens e adultos na rede municipal de ensino. Atuar como educador na EJA é um desafio que requer dedicação. Para a construção do embasamento teórico, fizemos uso da pesquisa bibliográfica, como também, a pesquisa de campo a partir de uma entrevista com uma docente do EJA. A partir das pesquisas e entrevista realizadas, pudemos constatar que o ensino de jovens e adultos é um ato libertador, contudo, ainda muito difícil, tanto para os professores, quanto para os alunos. Seja pela falta de recursos pedagógicos ou mesmo pela carga pessoal de cada educando.

Palavras-chave: Desafios, EJA, Ensino, Docente, Discente.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca conhecer a veracidade dos desafios acerca do ensino da Educação de Jovens e Adultos na rede municipal de ensino, essa temática é bem dialogada no meio educacional, como também na sociedade. Mesmo sendo um assunto bastante discutido se faz necessário maiores aplicações pedagógicas eficazes, bem como nas políticas públicas. Tendo como base para essa atual pesquisa foi realizado buscas bibliográficas e entrevista com uma educadora da Escola Municipal Professor João Francisco de Souza, situada no município de Olinda do Estado de Pernambuco.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade que concede ao cidadão o retorno à instituição escolar. A modalidade também se retrata a oportunidade, oportunidade essa de resgate social, pois vários indivíduos não tiveram acesso à educação básica na idade convencional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 1996 (LDB), no Art. 37, afirma que:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, alliceelix.16@gmail.com;

² Pós graduanda do Curso de Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Alpha, milinhavitoria235@gmail.com.

Temos ciência que também é dever do Estado oferecer ao estudante um ensino de qualidade, como declara a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394/97 art 3, cap. IX “garantia de padrão de qualidade”.

Mas nem sempre o Estado propõe uma qualidade de ensino, pois cabe ao mesmo, segundo o art. 37 da referida lei estimular a sociedade à modalidade da EJA, ofertando condições dignas. Pois, além da estrutura que as políticas públicas têm de oferecer, ainda ocorre o fator da diferença social e cultural, ambos marcam a escola e do mesmo modo as relações humanas.

Os docentes que atuam na modalidade da EJA enfrentam incalculáveis desafios na sua prática docência, como a evasão, falta de recursos pedagógicos, salas de aulas precárias, falta de ânimo dos discentes, entre outros. Mas, diante de todos esses desafios o educador vem se reinventando e dando o seu melhor para o desenvolvimento de cada estudante, Porcaro (2011) afirma que esses docentes vão buscando rumos que possam beneficiar o processo de ensino. Assim, trabalhando em meio aos desafios e oferecendo um ensinamento que visa as dificuldades de cada discente.

O presente trabalho tem como objetivo geral mostrar os desafios que os educadores do ensino público da modalidade da EJA enfrentam. Trazendo como objetivo específicos a precariedade de recursos para lecionar na EJA, bem como as dificuldades que os estudantes encontram ao voltar ou iniciar sua vida escolar.

METODOLOGIA

Para a construção do seguinte artigo foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, o embasamento foi feito em Gil (2008) no qual diz que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material que já foi elaborado, podendo ser constituído por livros ou artigos científicos.

Na pesquisa bibliográfica, foram realizadas pesquisas e consultas a diversas literaturas concernente ao tema em estudo, constituído por artigos publicados na internet, Leis da Jurisdição brasileira, etc. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia anteriormente publicada, podendo ser encontrada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Tem como objetivo o contato do pesquisador com o material escrito sobre o assunto em que ele busca. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Utilizamos também a pesquisa de campo realizando uma entrevista, pois “A maioria das pesquisas em educação ou qualitativas utiliza apenas palavras e números captados por meio de entrevistas” (BELEI *et al.*, 2008, p. 8). A seguinte entrevista foi realizada com uma professora da EJA, da Escola Municipal Professor João Francisco de Souza, localizada no Município de Olinda – Pernambuco. A seguir, temos um quadro com as perguntas realizadas a docente, com suas respectivas respostas.

Quadro 1. Perguntas e respostas

Perguntas	Respostas
Como está organizada a EJA na escola?	Por módulos. Módulo I, módulo II, módulo III.
Qual o material didático-pedagógico existente para os alunos de EJA?	Livros didáticos que nunca se renovam, infelizmente. São desatualizados.
Em média, qual o quantitativo de alunos por sala?	18 alunos.
Como é organizado o planejamento da professora: diário, semanal ou mensal?	O planejamento é bimestral, mas fazemos o nosso semanal também para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, e quando necessário adaptamos.
Existe alguma rotina para realização das aulas na EJA?	Sim. Fazemos um cronograma de aulas, inclusive incluímos trabalhos em grupos para que os alunos criem o hábito de compartilhar ideias e trocar conhecimento.
Como ocorre o processo de alfabetização na EJA?	A alfabetização na EJA acontece nos módulos 1 e 2, de forma que evite a infantilização, é realizado uma adaptação no processo para que os alunos acompanhem. O processo de alfabetização na EJA é bem demorado, requer muita repetição de conteúdo.
E a alfabetização matemática?	A alfabetização matemática é mais rápida por que fazemos uso de elementos do cotidiano dos alunos como dinheiro e um contexto mais da realidade deles.

<p>Já teve algum projeto para os alunos da EJA na escola? Se sim, como foi executado?</p>	<p>Sim, vários. No ano de 2019 um projeto que inclusive foi premiado. Era sobre o descarte errado do óleo de comida, abordamos o tema de diversas formas, até mostrar que uma boa opção é transformar esse óleo usado em sabão em pedra. O sabão foi produzido na escola por todos, sob a orientação dos professores e vendido a comunidade para ajudar nas despesas da escola. Foi uma experiência espetacular!</p>
<p>Quais são as ações políticas que vocês enxergam que são direcionadas ao EJA?</p>	<p>A EJA faz parte da escola como todas as outras modalidades, todos os projetos, cursos, materiais que vem para os outros anos também são ofertados ao EJA, cursos de línguas, informática, por exemplo. O município, a escola e nós, professores, damos as mesmas oportunidades a esses alunos que mostram tanta vontade em concluir seus estudos.</p>
<p>Como é realizada a avaliação na EJA?</p>	<p>A avaliação é contínua. Participação nas aulas, nas atividades e algumas avaliações.</p>

Fonte: Próprias autoras.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Pedagogia é configurada como um campo do conhecimento composto do estudo da educação, do ato educativo, da prática educativa, como parte da atividade humana, e diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo (LIBÂNEO, 2005). Entendemos então que a Pedagogia está interligada a uma rede de conhecimentos teóricos e práticos que ponderam os mais diversos componentes curriculares e a prática docente, desse modo, percebemos que a formação do Pedagogo é ampla e muito rica no processo de aquisição dos conhecimentos.

Dentro dessa rede de conhecimentos, está A EJA – Educação de Jovens e Adultos. A EJA é uma modalidade de ensino que abrange todos aqueles que não conseguiram

terminar a Educação Básica no tempo previsto. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

O Parecer CNE/CEB nº 11 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2000), das Diretrizes Curriculares para a EJA descreve esta modalidade da seguinte maneira: reparadora, equalizadora e qualificadora.

Contudo, nem sempre esse direito foi assegurado pelo Governo Brasileiro, a EJA passou por diversas fases e etapas para chegar até o presente momento. Sampaio e Almeida (2009) apontam que a história da EJA foi produzida à margem do sistema de educação brasileiro, que tinha como fator motivador a luta dos movimentos sociais, sendo extremamente marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecidos historicamente entre a elite e as classes populares do Brasil.

Vivenciando várias fases, desde antes do Estado Novo, passando pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e movimentos similares, até chegar aos dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos ainda é vista com um certo preconceito entre a sociedade, pois é uma modalidade de ensino direcionada, em sua maioria, para os setores mais vulneráveis (ANDRADE, 2004b). Machado (2008) afirma que esses preconceitos são frutos da falta de conhecimento e pela confusão feita entre o atual sistema de Ensino de Jovens e Adultos com o antigo Supletivo e até mesmo com o MOBRAL. Além disso, a modalidade da EJA é vista como a quitação de uma dívida do Estado com a população brasileira:

A educação de jovens e adultos representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens social, na escola ou fora dela, e tenham sido força de trabalho empregada na constituição de riqueza e na relação das obras públicas (BRASIL, 2000, p. 2).

Todavia, essa dívida histórica não é sanada corretamente pelo Estado, o ensino é aligeirado e de baixa qualidade. Segundo Freitag (1986) a educação é superficial, paliativa, visando apenas os resultados quantitativos e não qualitativos, ocasionando que

a população que deveria ser auxiliada e incluída fica à mercê da própria sorte. Essa situação corrobora para a evasão escolar, os alunos não se sentem motivados a continuar,

Pois a educação está intrinsicamente relacionada às expectativas e anseios por mudanças de vida social e cultural de pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar o ensino regular e que veem esta defasagem educacional como um empecilho que retarda seu desenvolvimento como ser humano. (SANTOS; CAMILLO; NOVAIS, 2014, p. 3).

Nesse contexto, sabemos que sem o apoio do Estado, a responsabilidade de atrair a atenção do aluno e estimulá-lo a querer continuar frequentando as aulas fica a (sobre)carga do professor e isso corrobora para a baixa qualidade no ensino ou desistência do professor em trabalhar com a EJA, Broilo (2011) nos diz que a sobrecarga de atividades que é imposta aos professores, bem como suas grandes jornadas de trabalho ao qual se submetem para garantia de um salário digno, acabam por deixá-los desanimados, estressados e insatisfeitos com sua condição. E evidentemente, torna-se um fator relevante para a rotatividade de professores.

No entanto, apesar de todos esses fatores, ainda há professores que não desistem da luta educacional e para isso acontecer é necessário que o docente que leciona na EJA tenha saberes específicos para essa modalidade de ensino, como nos afirma Fernandes e Vieira (2014, p. 3):

muitos saberes específicos são necessários ao professor alfabetizador da EJA para que ele possa proporcionar aos seus alunos situações em que haja uma boa mediação para o aprendizado da língua escrita e de seus usos nas práticas sociais.

Frisando o aprendizado da língua escrita e ligando-o ao processo de alfabetização, Di Pierro e Galvão (2007) nos traz que a alfabetização é tida como um dos pilares culturais, pois, a leitura e a escrita é de importância fundamental para o desenvolvimento das sociedades industriais.

Diante disso, muitos alunos ingressam na EJA em busca dessa formação com foco profissional, seja para manter o seu emprego, galgar um degrau a mais no ramo em que atua ou mudar de profissão cursando uma graduação. Isso ocorre porque ao perceberem a opressão das elites sobre as massas, tomam consciência de mundo, seus olhos abrem para novos horizontes e passam a lutar mais veemente por melhorias, é como afirma Freire (1997, p. 5) “aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim

descobrimo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Sendo assim, o alunado vê nos estudos uma esperança para melhoria de vida.

Devido a isso, é de suma importância a atuação do professor no processo de ensino-aprendizagem. Deve-se existir uma reflexão entre docentes e discentes para que o currículo traga resultados significativos, numa articulação teórico-prática, tornando-o relevante às necessidades educacionais de jovens e adultos, justificado pelo o que nos diz Freire (1979, p. 84):

o bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e as suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em entrevista com a docente, podemos perceber que alguns fatores dificultam a prática do ensino e conseqüentemente influencia também na aprendizagem. A começar pela questão do material, quando questionada, ela nos informou que o único material fornecido pela escola é o livro didático, isso ocorre porque “a precariedade de outros recursos didáticos na escola pública restringiu o livro didático à única fonte de conhecimento” (OLIVEIRA, 2014, p.3) e a utilização de apenas um material como recurso didático deve ser realizada com bastante cuidado, pois, ainda de acordo com Oliveira (2014) para que ele não corra o risco de transparecer uma postura teórica e monótona, ao ponto de se tornar “o senhor dos saberes”, e virar um grande vilão para os estudantes.

Passando para a questão do planejamento, a Escola determina que seja realizado um planejamento bimestral, para que os alunos aprendam os conteúdos propostos dentro de determinado tempo. Contudo, a professora da EJA realiza um planejamento semanal, para assim, poder acompanhar minuciosamente o desenvolvimento dos alunos e pode adaptar os conteúdos quando necessário, pois mesmo com todo planejamento previamente organizado é somente na hora da execução que os rumos serão traçados, segundo Baeriswyl (2008, p. 10):

os alunos possuem sua própria paleta de elementos artísticos que podem usar livremente durante a aula (situação didática). Apesar das coreografias serem 'antecipadas' pelo professor, os alunos podem 'mudar o rumo' das mesmas,

considerando que nem sempre o professor consegue produzir cenários e estratégias que sejam abrangentes o suficiente para atender à variedade de estilos de aprendizagem de seus alunos ou mesmo porque os professores não conseguem prever o tipo de atos internos ou operações mentais que seus alunos usam quando aprendem.

Visando assim de maneira constante o fator mais importante: a aprendizagem do aluno.

Em questão do cronograma, a turma possui horário e rotina definidos antecipadamente, para que os alunos no decorrer do período letivo sintam-se adaptados e cientes do componente curricular que será estudado ou da atividade que será realizada em tal momento/horário. Nesse sentido, Bassedas, Huguet e Solé (1999) citam que o planejar docente estabelece em uma parte importante do trabalho do professor, uma vez que a tomada de decisões compõe o seu plano de atuação. Assim, o planejamento e hábito de possuir uma rotina possibilita a programação de atividades ao qual o docente pretende aplicar, estabelecendo uma caracterização detalhada de suas ideias, que possivelmente irão se concretizar diariamente nas aulas.

Referente ao processo de alfabetização que ocorre na Educação de Jovens e Adultos, a professora cita a questão de evitar a infantilização na hora de ensiná-los. Como definição de infantilização no ensino, trazemos Amparo (2012, p. 53):

A infantilização aqui entendida é o ato de um professor que esteja trabalhando na modalidade de Educação de Jovens e adultos, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos educandos da EJA, ou seja, atividades que são idênticas às transmitidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental. Mas não somente isto, a própria postura que o professor possui perante os jovens, adultos e idosos da EJA, é semelhante à postura que os professores possuem com as crianças.

Sabemos que a maioria do conteúdo elaborado e destinado a alfabetização é feita com foco para a Educação Infantil, mas na EJA o cenário e o público são diferentes. Sendo assim, é papel do professor adaptar os conteúdos para que o trabalho seja desenvolvido da melhor maneira. Uma das formas que a professora em questão utiliza é trazer conhecimentos do dia a dia dos alunos para dentro da sala de aula, realizando a mediação do conteúdo com as experiências já vivenciadas pelos discentes. Lembrando assim o método utilizado por Paulo Freire para alfabetização dos adultos na cidade de Angicos, no ano de 1963. Beck (2016) diz que o método Paulo Freire estimula a alfabetização dos adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, através de palavras e situações presentes na realidade dos alunos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo.

A avaliação realizada, é uma avaliação contínua pela participação nas aulas e atividades executadas, não deixando de lado algumas avaliações. Todavia, a avaliação não é vista como único ou principal método utilizado para sondar os conhecimentos adquiridos pela classe. Essa prática é importante pois auxilia a identificar se o aluno está realmente absorvendo o conteúdo proposto e se está conseguindo aprender a partir do processo metodológico ministrado. (CECÍLIO; ALBUQUERQUE, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a toda pesquisa feita e entrevista, pode-se perceber o quão árduo é a modalidade de ensino para jovens e adultos. Desde os primórdios, até os dias atuais, a EJA é símbolo de luta e resistência de uma parcela da população que busca conhecimentos escolares e que apesar de tanta dificuldade ou de suas lutas diárias, chegam a noite com sede de aprender.

O docente que deseja lecionar na EJA necessita ter um compromisso com o lado humano, político e profissional da Educação, amar a prática docente, pois dentro da sala da EJA existem diversas histórias de desigualdade no meio social.

REFERÊNCIAS

AMPARO, Matheus Augusto Mendes. A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: uma análise no município de Presidente Prudente/SP. **Boletim Gepep**, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 49-62, dez. 2012. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/4a.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ANDRADE, Eliane Ribeiro de. **A educação de jovens e adultos e os jovens do “último turno”**: produzindo outsiders. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004b.

BAERISWYL, F. New Choreographies of Teaching in Higher Education. In: FARQUETA, F.; FERNÁNDEZ, A.; MAIQUES, JM (Edits.). CONGRESO IBEROAMERICANO DE DOCENCIA UNIVERSITARIA.5, 2008. **Actas...**Valencia: Universidad Politécnica de Valencia. 2008.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Artes Médicas, 1999. Porto Alegre.

BECK, Caio. **Método Paulo Freire de Alfabetização**. 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/#:~:text=ampliando%20o%20repert%C3%B3rio,-,O%20m%C3%A9todo%20Paulo%20Freire%20estimula%20a%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20adultos%20mediante,e%20da%20compreens%C3%A3o%20do%20mundo..> Acesso em: 07 nov. 2020.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMOTO, Patrícia Helena Vivan Ribeiro. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, [s. l], v. 30, n. 30, p. 187-199, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770/1645>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa. **Artigo 205**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp. Acesso em 25 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia Para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 17 out. 2020.

BROILO, Maria Angela. **A rotatividade de professores na EJA**: a solidão docente na e pela inexistência de políticas públicas. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72636/000884745.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 nov. 2020.

CECÍLIO, Camila; ALBUQUERQUE, Naiara. **Avaliação processual**: por que ir além das provas.. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2172/avaliacao-processual-por-que-ir-alem-das-provas>. Acesso em: 07 nov. 2020.

DI PIERRO, Maria Clara; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

DOLINSKI, Silvia Hass. **As práticas pedagógicas da educação de jovens e adultos**: uma reflexão necessária. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25289_12249.pdf. Acesso em: 06 out. 2020.

FERNANDES, Ambrosiana da Silva; VIEIRA, Giane Bezerra. **Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos**: Concepção de Professoras. Disponível em: <http://www.fe.ufg.br/controlado/DocumentoControlado>. Acesso em: 17 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 4.ed; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997.

FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8ªed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Maria Margarida. **A prática e a formação de professores na EJA**: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1988. In: reunião anual da ANPED, 23., 2000, Caxambu/MG. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/gt18/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira de. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiraOliveira_GT4_integral.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.

PORCARO, Rosa Cristina. Os desafios enfrentados pelo educador de jovens e adultos no desenvolvimento de seu trabalho docente. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 39-57, jan/jun. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71521708003.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.